

# RELIGIOSIDADE EMARANHADA: OS CULTOS ÀS DIVINDADES FEMININAS PLURAIS NAS PROVÍNCIAS OCIDENTAIS DO IMPÉRIO ROMANO

## ENTANGLED RELIGIOSITY: THE CULTS OF PLURAL FEMALE DEITIES IN THE WESTERN PROVINCES OF THE ROMAN EMPIRE

Érika Vital Pedreira<sup>117</sup>

Artigo recebido em 30 de abril de 2022  
Artigo aceito em 30 de agosto de 2022

**Resumo:** No presente artigo buscamos apresentar um breve estudo sobre aquelas que denominamos divindades femininas plurais, comprovando sua presença em diversas culturas religiosas da Europa Antiga (sem mencionar outras regiões do mundo), através das evidências arqueológicas. Bem como atentar para a impossibilidade de encontrar uma única origem para essas divindades. Igualmente, objetivamos comprovar a criação de divindades e práticas religiosas emaranhadas a partir da análise de 4 relevos dedicados às divindades femininas plurais de 4 províncias ocidentais do Império Romano: Gália Cisalpina, Germânia Inferior, Hispânia e Britânia. E demonstrar que esse emaranhamento cultural, observado na iconografia dessas divindades, é o resultado de contatos interculturais, através dos quais indivíduos espalham-se na materialidade, imprimindo nela suas crenças, necessidades e visões de mundo.

**Palavra-chave:** Divindades Femininas Plurais – Emaranhamento Cultural – Ritualização – Personalidade Distribuída

**Abstract:** In the present article we seek to present a brief study of those that we call plural female deities, proving their presence in various religious cultures of Ancient Europe (not to mention other regions of the world),

<sup>117</sup> Graduada em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Mestre em História pelo Programa e Pós-graduação da Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF) e Doutora em História pelo mesmo Programa. Membro e pesquisadora do Grupo INSULAE – Grupo de estudos sobre Britânia, Irlanda e Ilhas do Arquipélago Norte, na Antiguidade e no Medievo. Professora concursada da SEEDUC-RJ. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5980-1388>. E-mail: [erikavitalp@yhoo.com.br](mailto:erikavitalp@yhoo.com.br).

through archaeological evidence. As well as paying attention to the impossibility of finding a single origin for these deities. Likewise, we aim to prove the creation of entangled deities and religious practices from the analysis of 4 reliefs dedicated to the plural female deities of 4 western provinces of the Roman Empire: Cisalpine Gaul, Germania Inferior, Hispania and Britannia. And to demonstrate that this cultural entanglement, observed in the iconography of these deities, is the result of intercultural contacts, through which individuals spread themselves in materiality, imprinting their beliefs, needs and worldviews on it.

**Keyword:** Plural Female Deities – Cultural Entanglement – Ritualization – Distributed Personality

O culto às deusas-mães é universal e muito antigo. As primeiras esculturas, relevos, pinturas e gravuras retratando o feminino, remontam ao período paleolítico e, geralmente, apresentam hipertrofia das mamas, abdômen e ancas, e atrofia da cabeça e dos membros, o que, provavelmente, tinha o objetivo de enfatizar as funções, atribuídas ao feminino, de fertilidade e fecundidade (BECK, 2009, p. 35).

Igualmente, o conceito de deusa-mãe, e aqui incluímos outras divindades femininas com atribuições tutelares, é claramente perceptível em todas as mitologias antigas (BECK, 2009, p. 37), sendo os exemplos numerosos: Gaia, Rhea, Deméter, Juno, Cibele, apenas para citar alguns. Essas deusas seriam: o grande princípio universal criativo, isto é, a terra que alimenta tudo e todos (GRANT e HAZEL, 2002, p. 106; GUIRAND e SCHMIDT, 2006, p. 201-206). Esse princípio também ocupava um papel importante nas concepções religiosas das populações celtas.

Se considerarmos as ideias de Cunliffe (1993, p. 14) acerca das divindades femininas, podemos levantar a hipótese de que todas elas são derivadas de uma mesma matriz e que representariam as várias faces da Mãe Terra. Segundo ele, ainda que conhecidas sob vários nomes, as divindades femininas possuíam as mesmas especialidades básicas concernentes à fertilidade e à vida, mas com algumas variações de uma para outra, de acordo com os atributos que recebiam. Algumas eram

responsáveis pelos nascimentos, outras pela fertilidade do solo, outras pela cura e regeneração, e outras ainda pela morte e vida após a morte.

Da mesma forma, *Matres*, *Matronae* e outras divindades femininas plurais<sup>118</sup>, como apontam as evidências arqueológicas, também possuíam atribuições similares, concernentes ao ciclo da vida. Alguns pesquisadores, por exemplo, tentaram esboçar os estágios iniciais do culto às deusas-mães. Suas hipóteses apontam para uma fase animista, no qual as divindades teriam a forma de cabra (RÜGER, 1983, p. 210-221), ou árvore (HORN, 1987, p. 51-52; SPICKERMANN, 2002, p. 148-149), provavelmente devido às diversas gravuras de árvores encontradas em altares a elas dedicados.

Ao que tudo indica o culto às *Matres*, *Matronae* e outras divindades femininas plurais se desenvolveu de uma prática religiosa ligada à fertilidade, ressaltando que as populações celtas possuíam atividades econômicas essencialmente agrárias. Porém, devido à complexidade do material arqueológico a elas pertinente, acreditamos que o culto se expandiu para um conceito mais profundo, relacionando-as também à proteção e ao bem-estar em todos os aspectos da vida e ao pós-morte.

Os primeiros autores a tratar das divindades femininas plurais foram Ihm (1894; 1897), que em fins do século XIX realizou uma investigação sobre as *Matres* e *Matronae* das Germânicas a partir da análise dos materiais epigráfico e iconográfico; Hild (1904), que trouxe a questão para a historiografia francesa; Anwyl (1906), que introduziu a questão na

---

<sup>118</sup> Definimos como divindades femininas plurais grupos de duas ou mais deusas, cuja iconografia foi produzida, utilizada e disseminada durante o período de ocupação romana das províncias ocidentais. Geralmente essas divindades carregam atributos ligados à fertilidade, à maternidade, ou ainda, fazem referência ao pós-morte e ao Outro Mundo.

historiografia britânica a partir de seus estudos sobre as divindades femininas célticas; e Heichelheim (1930-1933), que reuniu o maior *corpus* documental até os anos 80, incluindo as *Matres*, *Matronae* e outras divindades femininas e divindades femininas plurais.

A partir desses primeiros estudos até a atualidade, diversas discussões permearam e permeiam as pesquisas acerca das divindades pluralizadas. Uma delas, em voga desde o século XIX, está relacionada às origens dessas divindades.

Um consenso entre muitos autores<sup>119</sup> de fins do século XIX e início do século XX que tratam do tema é o caráter céltico ou germânico das *Matres* e *Matronae*. Isso se deve aos vestígios arqueológicos a elas vinculados, encontrados em regiões célticas/celticizadas ou germânicas/germanizadas do ocidente. Esses autores compreendem como local de surgimento e concentração de seus cultos as proximidades dos rios Ródano e Reno. A partir dessas áreas o culto teria sido disseminado para outras regiões, onde apresentaram um caráter secundário, marginal ou alóctone.

Woram (2016, p. 2), por exemplo, afirma que essas divindades plurais tiveram sua origem na Renânia entre os Ubios, que trouxeram o culto consigo quando se fixaram do lado oeste do rio Reno durante o século I a.C. A partir de então, os contatos culturais com outras populações disseminaram o culto, que alcançou, além de outras regiões das Germânicas, as províncias da Gália, Gália Cisalpina (Norte da Itália), Britânia e Hispânia.

Outras teorias sobre a origem das divindades plurais foram levantadas. Uma delas está relacionada ao surgimento e disseminação

---

<sup>119</sup> São eles: Ihm (1894; 1897); Hild (1904); Anwyl (1906); Heichelheim (1930); Horn, (1987); Schauerte (1987); Rüger (1987), entre outros.

do título *Matronae*, concentrado em duas regiões principais, a saber: nas províncias Germânia Inferior e Superior (a partir da segunda metade do século II d.C.), geralmente acompanhado de epítetos locais; e na Gália Cisalpina, principalmente na área que vai de Verona até os Alpes Marítimos e a Riviera da Ligúria, (a partir da primeira metade do século I d.C.), em sua maioria, sem epítetos.

Graças a essas características – ausência de epítetos e datação mais antiga – autores como Haverfield (1892, p. 317-318) e Pascal (1964, p. 117), afirmam que a Gália Cisalpina pode ter sido o berço do culto a essas divindades. O intenso trânsito de tropas do Exército Romano pela região dos Alpes pode ter contribuído fortemente para a disseminação do culto às *Matronae* para outras áreas do Império Romano, o que torna a hipótese plausível.

Algumas hipóteses acerca das origens dessas divindades além de terem sido baseadas no material arqueológico (localização, datação e estilo escultório, por exemplo), também o foram na etimologia dos títulos *Matres*, *Matrae* e *Matronae*.

Em uma delas, tribos germânicas teriam adotado a prática religiosa de tribos celtas e deram às divindades um título *Matronae*, similar ao céltico *Matres* (ANWYL, 1906, p. 35; DAREMBERG e SAGLIO, 1877-1919, p. 635). Essa hipótese é coerente se pensarmos nos primeiros vestígios contendo formas relativas ao título *Matres* (Ματρῆσ) em língua grega, encontradas na Gália Narbonense, na região do Rio Ródano, entre os séculos III a.C. e I a.C.

Duval (1976, p. 55) defende que esses títulos seriam derivados do latim, pois estão relacionados à palavra latina *mater*, plural *matres*. Logo, segundo ele, *Matrae* e *Matronae*, seriam variantes célticas latinizadas, derivadas do substrato indo-europeu *mater* (DUVAL, 1976, p. 55).

Já Deyts (1992, p. 60) aponta para a junção do gaulês *matir* e o latim *mater*, ambas derivadas do indo-europeu *mater*, criando, assim, as formas célticas latinizadas, *matres*, *matrae* e *matronae* (DELAMARRE, 2003, p. 220).

Alguns autores como, Ihm (1894; 1897), Hild (1918, p. 1635-1636), Heichelheim (1930) Lehner (1918), Alföldy (1967; 1968) e Toutain (1920, p. 246), argumentam que existe certa diferença entre as *Matres* e as *Matronae*, devido à simultânea utilização de ambos os títulos relacionados aos mesmos epítetos em algumas epígrafes, principalmente nas Germânicas, que apresentam uma infinidade deles.

Derks (1998, p. 120), por outro lado, utilizando o mesmo argumento, afirma que os mesmos epítetos podem ser utilizados para ambas as formas, o que torna os títulos intercambiáveis. Nesse sentido, tanto *Matres*, *Matrae* e *Matronae* teriam o mesmo significado e objetivo, demonstrar que se tratariam elas de divindades maternais. E o que determinaria sua utilização seria a percepção que os dedicantes possuem dessas divindades.

Em uma perspectiva diferente, Jorio (2014, p. 69) afirma que a utilização dos termos *Matres/Matrae* e *Matronae*, revelam antes de tudo um caráter geográfico, sendo as formas *Matres/Matrae* mais utilizadas nas regiões onde o substrato linguístico não foi muito influenciado pela língua latina, enquanto a forma *Matronae* demonstra a presença do latim. Contudo, devemos atentar para o fato de que as formas *Matres/Matrae* foram preservadas em regiões que receberam fortes contribuições culturais romanas, tais como, a Gália Narbonense e a Hispânia, o que torna essa teoria frágil.

Beck (2009, p. 46) destaca a possível origem céltica dos títulos *Matres* e *Matrae*, que ela afirma serem idênticos em significado, apesar de *Matrae* ter sido encontrado apenas na Gália (BECK, 2009, p. 45); e o

título *Matronae* seria a forma germânica correspondente, tendo em vista a predominância da forma *Matronae* nas Germânicas, que fica evidenciada nas inscrições epigráficas ali encontradas.

Os estudos acima destacados proporcionaram, até então, um grande avanço no que concerne às descobertas e análises dos vestígios arqueológicos, epigráficos e geográficos acerca dos cultos e dedicantes das divindades femininas plurais. A partir deles foi possível recolher um *corpus* documental extenso, tanto de iconografia, quanto epigrafia; mapear o alcance dos cultos nas diferentes regiões; dar voz a indivíduos e grupos de indivíduos, dedicantes, que não seriam conhecidos se não fosse pelas análises das epígrafes votivas. Entretanto, consideramos ser a busca por uma origem comum para o culto a essas divindades uma atividade improdutiva. Isso porque muitos fatores, além da origem e etimologia para utilização e disseminação dos supracitados títulos e suas imagens, devem ser levados em conta, sendo o mais importante deles o fluxo de pessoas, principalmente de legionários e mercadores entre as províncias.

Na contramão das novas abordagens pós-coloniais, essa “origem comum” denota a existência de um “culto puro” e primordial dessas divindades, o que não seria possível de determinar. Primeiramente, devido à existência de divindades maternais em todas as sociedades arcaicas, já aqui mencionado, que apresentam teônimos e epítetos autóctones; e, em segundo lugar, devido ao constante contato entre populações diversas, que facilitaram as trocas culturais.

Com a preocupação em desvendar a gênese dessas divindades, outras questões de extrema relevância são abandonadas, principalmente aquelas relativas às regionalidades, trocas culturais e de objetos e práticas religiosas emaranhadas. Sendo assim, não podemos

olvidar que tudo o que se produziu nas províncias ocidentais do Império Romano, inclusive os cultos às divindades femininas plurais, deu-se em meio a contextos de contato e dominação, e se caracterizam por serem inovações, muitas vezes, singulares. São eles, produtos de um emaranhamento cultural (STOCKHAMMER, 2012; 2013) que teve seu início a partir de contatos de longa duração entre as populações europeias.

A partir dessa perspectiva argumentamos que, em período romano, o culto e as próprias divindades femininas plurais já eram emaranhados, pois foram sendo adaptados, criados e recriados por seus dedicantes de acordo com suas crenças, necessidades e visões de mundo, ao longo do tempo.

A fim de contemplar tais questões e validar nossa hipótese, propomos, a seguir, estudos de caso que privilegiam também os estudos comparados. Estes serão feitos a partir da análise dos vestígios iconográficos relativos às divindades femininas plurais de quatro províncias romanas, são elas: Hispânia, Gália, Germânicas, principalmente a Inferior, e Britânia.

### **Divindades e cultos emaranhados: estudos de caso**

Para o estudo das divindades femininas plurais e seus cultos devemos levar em consideração três aspectos importantes, a saber: 1- os indivíduos em contato não pertenciam a grupos homogêneos, dentre eles estão membros do Exército Romano, uma instituição extremamente heterogênea, composta, sobretudo a partir do século I d.C., por indivíduos provenientes de todo o Império, elites locais, entre outros membros das sociedades provinciais, mercadores, escravos e libertos, ou seja, pessoas de toda sorte e de diversas regiões, que levavam consigo suas divindades e práticas religiosas; 2- essas práticas em contato com a religiosidade local permitiu a criação de novas divindades e formas de

cultuá-las, que são emaranhadas; 3\_- justamente por isso as práticas culturais e religiosas produzidas apresentavam diferenciação de uma província para outra ou entre regiões de uma mesma província, pois atendiam às crenças e necessidades de seus dedicantes.

Sobre esse último aspecto concordamos com o conceito de "personalidade distribuída" desenvolvido por Gell (1998), que afirma que os objetos são construídos a partir da intencionalidade, experiência e criatividade dos indivíduos. Nesse sentido, as pessoas não são compreendidas como organismos biológicos limitados, mas como "...todos os objetos e/ou eventos a partir dos quais a agência ou a personalidade podem ser abduzidos" (GELL, 1998, p. 222-223).

Em outras palavras, para Gell (1998, p. 222), um indivíduo e sua mente não estão confinados a coordenadas espaço-temporais específicas, mas podem prolongar-se por muito tempo após sua morte biológica na materialidade, isto é, quando entram em contato, adotam, rejeitam, criam, ressignificam e consomem objetos e práticas, imprimem neles sua própria trajetória biográfica, seus valores, suas crenças, religiosidade e práticas rituais, transformando os artefatos e a materialidade em geral, no presente, caso os vestígios das divindades femininas plurais, em extensões de si mesmos.

Tendo essas questões em mente passaremos a nos dedicar à análise iconográfica e, devido ao extenso volume de documentação disponível, para este breve artigo fizemos uma seleção que contempla uma característica importante do material analisado, a ritualização.

Acerca dos rituais, devemos destacar que para sua realização e sua eficácia são necessários alguns objetos e instrumentos próprios, mas sobretudo, os rituais só podem ser realizados pelas ações do corpo humano (NAEREBOUT, 2015, p. 107). Para a eficácia dos rituais e sua aceitação pelas divindades, deve haver vestuário, gestual,

posicionamento e postura apropriados do corpo humano, sendo a corporeidade um fator de extrema importância na ritualização.

Segundo Bell (1997, p. 98) a ritualização, modo apropriado de agir, respondendo a um contexto ou situação particular, se caracteriza principalmente pela interação entre o corpo e o meio ambiente, isto é, a produção de um corpo ritualizado se dá através de um ciclo de interações entre a ritualização, o meio ambiente e o próprio corpo, o que podemos compreender como performance. Logo, os rituais são performances do corpo humano (NAEREBOUT, 2015, p. 107). Essa performance nada mais é que a busca pela comunhão com as divindades cultuadas, a fim de obter delas algum benefício. Vejamos alguns exemplos.

O material iconográfico referente às divindades femininas plurais das Gálias, está distribuído entre todas as cinco regiões – Alpes, Narbonense, Lugdunense, Bélgica e Aquitânia – mas aqui privilegiaremos um relevo em mármore proveniente de Avigliana, na Gália Cisalpina, dedicado às *Matronae* por um liberto (CILV, 7210 n. 2), pois nele é possível observar uma performance. Nele está retratado o que defendemos ser uma dança ritual. Na imagem cinco divindades estão posicionadas erguidas uma ao lado da outra, interagindo entre si; elas mantêm os braços entrelaçados enquanto se dirigem – cabeça e a lateral do corpo – para a direita. Esse movimento demonstra um passo cadenciado, como em uma espécie de procissão ou dança ritual.



Museo di Antichità di Torino  
Epigraphic Database Heidelberg  
(CIL V, 7210 n. 2)

Apenas a figura da direita não está unida às demais e parece carregar e apresentar um objeto com as mãos (uma *patera*?), que não pode ser identificado com segurança. Também essa divindade, parece ser a primeira dentre as demais, guiando o grupo.

Em um evento realizado em 2016 no Museo Archeologico di Angera, com a proposta de analisar as evidências e tradições religiosas não-latinas na antiga Lombardia, essa e outras duas imagens da Gália Cisalpina ficaram conhecidas como “A Dança das *Matronae*”. De acordo com Cristina Miedico, pesquisadora do museu, essa dança teria origens mediterrânicas e estariam relacionadas aos cultos agrários e de vida, morte e renascimento, atribuições das divindades femininas plurais.

O movimento coreografado demonstra a importância do corpo e da performance na realização e eficácia dos rituais, como já explicitamos. As *Matronae* caminham num mesmo ritmo, demonstrando coesão e fluxo contínuo. Elas não apenas unem as mãos, mas também entrelaçam os braços em uma trama que garante a força, o apoio, a indestrutibilidade da corrente e a perpetuação do ciclo da vida.

O relacionamento entre dedicantes e divindades obtido por meio da *performance/comunhão*, pode ser observado em diversas imagens relativas às divindades femininas plurais da Germânia Inferior, sendo uma característica marcante da iconografia das *Matronae* locais.

Segundo Derks (1998, p. 130), nessa província, os altares venerando as *Matronae* são as evidências mais importantes do culto a elas dedicado. Esses altares, em sua maioria monumentais e portando relevos ricamente detalhados, o que demonstra que foram produzidos por indivíduos de alto *status* social – muitos deles oficiais do Exército Romano, ou seja, agentes da dominação – nos apresentam um *votum* em estilo romano/romanizado, contendo os elementos próprios de um ritual, tais como *patera*, altar, *pallae*, celebrantes e, ocasionalmente, flautista. E, em muitos deles, também estão presentes inscrições em língua latina.

Esses elementos, contudo, foram aplicados em conjunto à manutenção da soberania das divindades locais, visível não apenas no estilo diferenciado das divindades, que mantêm características do vestuário das mulheres *úbias*, uma tribo germânica das proximidades do rio Reno, com seus altos e volumosos penteados ou chapéus oblongos, mas também nos epítetos tópicos derivados, em sua maioria, de topônimos e etnônimos. São elas a materialização do emaranhamento cultural.

Na imagem abaixo, encontrada em Bonn e dedicada por um decurião de Colônia – Caius Candidinius Verus – às deusas *Aufaniae* (CIL XIII, 8042) – identificamos claramente a atividade ritual.



© Alte Geschichte Osnabrück  
(FERLUT, 2011, p. 680-681); (CIL XIII, 8042)

As divindades estão presentificadas no plano superior em uma proporção maior que seus dedicantes, atentando, não apenas para sua importância, mas, possivelmente, uma tentativa de os dedicantes demonstrarem que elas estão no mundo dos deuses, em uma outra dimensão.

Consistem elas em três divindades entronizadas em semicírculo. E apesar do desgaste é possível identificar os volumosos adornos de cabeça das deusas laterais, o que lhes conferem um ar majestoso. As três parecem carregar cestos de frutas, relativos à fertilidade da terra, ou ainda, representando ofertas realizadas pelos dedicantes, que também podem ser vistas adornando as colunas da *aedicula*, principalmente uvas.

Logo abaixo da inscrição epigráfica, quatro indivíduos, aparentemente homens, realizam o sacrifício. O celebrante, à direita, mais próximo do altar, segura um objeto em sua mão direita. Ele usa uma toga drapeada e cobre a cabeça com *pallae*. Um indivíduo atrás do altar segura uma caixa ou recipiente, provavelmente contendo utensílios

utilizados no ritual. À esquerda estão um flautista e um servo que carrega um jarro e uma *patra*, também usados no ritual.

As laterais da peça também são adornadas com imagens. O lado esquerdo apresenta uma mulher erguida, vestida com túnica longa e *stolae*. Em sua mão esquerda, ela segura uma pequena cesta com frutas, que serão oferecidas às divindades, e com a mão direita carrega um objeto não identificado. Abaixo, um indivíduo, possivelmente um escravo, vestindo uma túnica curta, carrega um porco nas costas que será oferecido em sacrifício. Na lateral oposta, está um grande caldeirão, manuseado por um homem, possivelmente outro escravo (ou o mesmo em um momento diferente). A cena remete à preparação de um banquete.

Uma performance ritual semelhante, onde dedicantes também realizam ofertas sobre um altar, pode ser observada em um relevo em granito encontrado no *Conventus Bracaraugustanus*, a noroeste da Hispânia, local de concentração do culto às divindades femininas plurais nessa província.



Hispania Epigráfica  
(BLASCO, 2015, p.190-191); (AE 1976, 295)

A Hispânia é caracterizada pelo escasso número de imagens em comparação com as inscrições, sendo a epigrafia a forma mais comum de venerar essas divindades na Península Ibérica. Esse relevo, em particular, uma lápide, presentifica as *Matres Ciuitates*, identificadas na epigrafia que compõe a peça.

Na peça verificamos dois conjuntos de imagens. Na face frontal, estão retratadas três cabeças, que podem ser das próprias divindades, em um culto às antepassadas, as *Proxumae*, que seriam deusas tutelares, domésticas ou ancestrais, encontradas tanto na Hispânia quanto na Gália. Essa associação com as *Proxumae* pode ser feita graças a uma *aedicula* encontrada em Barry, na Gália Narbonense, onde também estão presentes três cabeças femininas sobre um altar no qual lê-se a inscrição *Proxumae* (CIL XII 1251); em uma segunda hipótese as cabeças sobre o altar seriam ofertas para as *Matres Civitates*, em uma referência ao culto das cabeças cortadas céltico (BLAZQUEZ, 1958, p. 27), comum em algumas regiões onde traços de práticas culturais célticas foram identificados.

Na face posterior, estão retratadas duas personagens humanoides, provavelmente os dedicantes mencionados na epígrafe, Tacius e Tapila, em uma explícita performance ritual. Na imagem os dedicantes realizam uma libação em conjunto, despejando algo de um recipiente sobre um altar, semelhante à ação retratada no altar de Bonn. Entretanto há uma nítida diferença entre os estilos, nas proporções e adornos das peças, bem como nos *status* dos dedicantes. Podemos especular que Tacius e Tapila poderiam ter sido escravos, libertos, ou ainda, peregrinos.

Diferentemente da imagem encontrada na Germânia Inferior, a imagem da Hispânia, e como veremos também na Britânia, mantém um estilo esquemático pré-romano. Nesse período, as figuras humanas e de animais apresentavam, em sua maioria, uma modelação simples, sem os muitos detalhes anatômicos comumente encontrados no estilo naturalista<sup>120</sup> das populações mediterrânicas (RAFTERY, 2004, p. 186).

---

<sup>120</sup> O estilo naturalista consiste em um estilo “imitativo”, que busca retratar as divindades da forma mais real possível com detalhes que permitam uma melhor compreensão do observador (BONNANO, 1983, p. 82).

Verificamos, assim, a utilização de elementos da arte celta<sup>121</sup>, principalmente no design e em alguns atributos.

Um dos elementos mais comuns na arte celta são as cabeças humanas desprovidas de corpos ou casos em que todo o corpo está retratado, mas a cabeça mantém maior evidência, característica que pode ser observada na imagem em questão.

Assim como na Hispânia, na Britânia também foram encontrados relevos que apresentam estilo esquemático, o que é possível observar na peça a seguir. Em três cenas retratadas no relevo, mas que parecem compor um único contexto, uma performance ritual é realizada.



*St John The Evangelista Church, Preston, Lancashire*

<https://lornasmithers.wordpress.com/2015/11/27/lund-in-the-mist-and-altar-to-the-mothers/><sup>122</sup>

A peça foi encontrada na *St. John the Evangelist Church* em Lund, a cerca de dez quilômetros de Preston, no condado de Lancashire, a noroeste da Inglaterra. Ela, que atualmente é utilizada como pia

<sup>121</sup> De acordo com Garrow (2008, p. 29-30), a complexidade de muitos objetos, sobretudo de metal, e a habilidade necessária para produzi-los permitem que sejam eles considerados objetos de arte.

<sup>122</sup> A imagem em questão não se encontra em nenhum banco de dados nos quais pesquisamos até hoje, ela foi encontrada por acaso nesse site britânico não acadêmico durante a pesquisa de doutorado. Desta forma existe a necessidade de citar o site no presente artigo.

batismal, constitui um pequeno altar produzido em pedra calcária, provavelmente do século I a.C. Interessante especular que a *St. John the Evangelist Church* foi ali erguida, possivelmente com o propósito de se apropriar do local já sacralizado, anteriormente dedicado às divindades presentes no altar.

Na face frontal do pequeno altar estão presentes três figuras femininas, divindades, trajando túnicas; enquanto em cada uma das laterais três figuras humanoides, portanto seis, com os braços erguidos, parecem dançar em fila, em direção as deusas, realizando, assim, uma performance ritual.

A ação nos remete à “Dança das *Matronae*” da Gália Cisalpina, apresentada aqui anteriormente. Contudo, aproximando-nos da conclusão desse breve artigo, para uma análise contundente dos cultos realizados em honra das divindades locais, devemos atentar para as diferenças no estilo escultório, nos materiais empregados e nas performances e gestuais realizados pelas personagens em ambos os relevos. Tais características evidenciam particularidades nos cultos e nas formas de veneração, bem como na criação das divindades, inerentes a cada uma das regiões estudadas.

Em poucas linhas tentamos demonstrar como as religiosidades emaranhadas são construídas. A partir de contatos e trocas culturais, os indivíduos em contato, sejam esses conflituosos ou não, distribuem-se na materialidade por meio de suas crenças e ações. Ou seja, essas crenças e ações criam inovações – divindades e cultos, por exemplo – de acordo com as necessidades dos dedicantes e particularidades locais (disponibilidade de materiais, estilo escultórico, locais de deposição e etc.).

Comprovamos tal hipótese através da análise de quatro imagens que retratam atividades rituais, nelas as personagens realizam

performances com o intuito de atingir ou criar uma comunhão com as divindades cultuadas. No entanto, de acordo com a região de origem das peças – Gália Cisalpina, Germânia Inferior, Hispânia e Britânia – verificamos profundas diferenças nas performances apresentadas, no tratamento das imagens, entre outras características, tais como os *status* dos dedicantes e os teônimos e os epítetos empregados, quando há a análise das inscrições epigráficas.

Reafirmamos, assim, a impossibilidade da existência de uma origem comum para as divindades femininas plurais, o que nos permite utilizar o rico material disponível, relativo a essas divindades – epigrafia e iconografia – na formulação de questionamento e hipóteses mais relevantes, como por exemplo, a construção das religiosidades, as relações sociais e o intercâmbio de objetos e pessoas dentro do Império Romano, entre outros temas.

### Referências

#### A) Sites consultados (documentação iconográfica)

Corpus Inscriptionum Latinarum.

Disponível em: [http://cil.bbaw.de/cil\\_en/index\\_en.html](http://cil.bbaw.de/cil_en/index_en.html).

Epigraphic Database Heidelberg.

Disponível em: <https://edh.ub.uni-heidelberg.de/inschrift/suche>.

Hispania Epigráfica.

Disponível em: <http://eda-bea.es/>.

FROM PENEVERDANT. IN SERVICE TO THE LAND AND THE OLD GODS OF BRITAIN.

Disponível em: <https://lornasmithers.wordpress.com/2015/11/27/lund-in-the-mist-and-altar-to-the-mothers/>.

#### B) Bibliografia

ALFÖLDY, G. Epigraphica Hispanica II. Tribus und Beamte der romischen Stadt von Lara de los Infantes in der Hispania Citerior. **ZPE 41**, p. 244- 252, 1967, 1968.

ANWYL, E. Ancient Celtic Goddesses. **The Celtic Review 3**, p. 26-51, 1906

- BECK, N. Goddesses in Celtic Religion: The Matres and Matronae. Tese de Doutorado. **Universidade de Lyon**, 2009.
- BELL, C. Ritual: Perspectives and Dimensions. Oxford: **Oxford University Press**, 1997.
- BLASCO, D. A. A. Matres y divinidades afines de carácter plural em la Hispania Antigua. Tese de Doutorado. **Universitat de Valencia**, 2015.
- BLAZQUEZ, J. M. Sacrificios humanos y representaciones de cabezas en la Península Ibérica. **Latomus XVII**, 1958.
- BONNANO, A. SCULPTURE. In: HENIG, M. A Handbook of Roman Art. London: **Phaidon**, 1983.
- CUNLIFFE, B. Fertility, Propitiation and the Gods in the British Iron Age. Museu de Antropologia e Pré-história de Amsterdam. Amsterdam: **Amsterdam University Press**, 1993.
- DAREMBERG, C.; SAGLIO, E. Dictionnaire des Antiquités grecques et romaines d'après les textes et les monuments. Paris, **Hachette**, v. 10, 1877-1919.
- DELAMARRE, X. Dictionnaire de la Langue Gauloise. Paris: **Editions Errance**, 2003.
- DERKS, T. Gods Temples and Ritual Practices, The Transformation of religious ideas and values in Roman Gaul. Amsterdam: **Amsterdam University Press**, 1998.
- DEYTS, S. Images des dieux de la Gaule. Coll. des Hespérides. Paris: **Éditions Errance**, 1992.
- DUVAL, P. M. Les dieux de la Gaule. Paris, 1976.
- FERLUT, A. Les divinités féminines de Gaule Belgique et de Germanie. Tese de Doutorado. **Université Jean Moulin Lyon**, 2011.
- GARROW, D. The space and time of Celtic Art: interrogating the Technologies of Enchantment database. In GARROW, D.; GOSDEN, C.; HILL, J.D. (eds) Rethinking Celtic Art. Oxford: **Oxbow**, 2008.
- \_\_\_\_\_; GOSDEN, C. Technologies of Enchantment? Exploring Celtic Art: 400 BC to 100 AD. Oxford: **Oxford University Press**, 2012.
- GRANT, M.; HAZEL, J. Who's Who in Classical Mythology. London and New York: **Routledge**, 2002.
- GELL, A. The technology of enchantment and the enchantment of technology. In: COOTE, J.; SHELTON, A. Anthropology, Art and Aesthetics. Oxford: **Clarendon Press**, 1992.
- GUIRAND, F. & SCHIMIDT, J. (eds). Mythes et Mythologies, Histoire et Dictionnaire. Paris: **Larousse**, 2006.
- HAVERFIELD, F. Roman Inscriptions in Britain Three, 1892-1893 (1892). Kessinger Publishing, 2009.
- HEICHELHEIM, F. RE. Munich, v. XIV, n. 2, cols. 2213-2250, s. v. Matres, 1930.
- HEICHELHEIM, F. RE. Stuttgart, v. IV, n. A, cols. 725-727, s. v. Suleviae, 1931.
- HEICHELHEIM, F. RE. Munich, v. XVI, n. 1, cols. 946-9781, s. v. **Muttergottheiten**, 1933.
- HILD, J. A. DS. París, v. III, n. 2, p. 1635-1639, s. v. **Matres**, 1904.

\_\_\_\_\_. DS. París, v. IV, n. 2, p. 1287-1300, s. v. **Sibyllae**, sibyllini libri, 1918.

HORN, H. G. Bilddenkmäler des Matronenkultes im Ubiergebiet, In: BAUCHHNESS, G. & NEUMANN G. (eds). Matronen und verwandte Gottheiten, Ergebnisse eines Kolloquiums veranstaltet von der Göttinger Akademiekommission für die Altertumskunde Mittel- und Nordeuropas, in Beihefte des Bonner Jahrbücher, Köln, v. 44, p. 31-54, 1987.

LEHNER, H. Die antiken Steindenkmäler des Provinzialmuseums in Bonn. Bonn, 1918.

NAEREBOUT, F. Dance. In: RAJA, R.; RÜPKE, J. A Companion to the Archaeology of Religion in the Ancient world. **Blackwell**, 2015

PASCAL, C. B. The Cults of Cisalpine Gaul. **Universidade da Virgínia**: Latomus, revue d'études latines, 1964.

RAFTERY, B. Philip's Atlas of the Celts. **Philip's**, 2004.

RÜGER, C. A Husband for the Mother Goddesses – Some Observations on the Matronae Aufaniae. In: HARTLEY, B.; WACHER, J. (eds). Rome and her Northern Provinces: papers presented to Sheppard Frere in honour of his retirement from the Chair of the Archaeology of the Roman Empire. **Gloucester**: University of Oxford, 1983.

SCHAUERTE, G. Darstellungen mütterlicher Gottheiten in den römischen Nordwestprovinzen. **MvG**, 1987.

SPICKERMANN W. Nouvelles Réflexions relatives à la genèse et aux vecteurs du culte matronal dans la region du Rhin inférieur. In: Cahiers du Centre Glotz, v. 13, p. 141-167, 2002.

STOCKHAMMER, Ph. Questioning Hybridity. In: STOCKHAMMER, Ph. (ed.) Conceptualizing Cultural Hybridization: a transdisciplinary approach. **Heidelberg**: Springer, p.1-4, 2012.

\_\_\_\_\_. Conceptualizing Cultural Hybridization in Archaeology. In: STOCKHAMMER, Ph. (ed.) Conceptualizing Cultural Hybridization: a transdisciplinary approach. **Heidelberg**: Springer, p. 43-58, 2012.

\_\_\_\_\_. From Hybridity to Entanglement, From Essentialism to Practice. In: PELT. W. P. (ed.). Archaeology and Cultural Mixture. **Archaeological Review**. Cambridge, v. 28.1, p. 12-28, 2013.

TOUTAIN, J. Les Cultes païens dans l'Empire romain. In: Les Cultes indigènes, nationaux et locaux: Afrique du Nord, Péninsule ibérique, Gaule. Paris: **Ernest Leroux**, 1920.

WORAM, K. The Community of the Matronae Cult in the Roman Rhineland: Provincial Identity in the Western Frontiers. Tese de Doutorado. **School of Liberal Arts of Tulane University**, 2016.